

Copyrighted Material

JAMES MARINS



A ERA DO IMPACTO

O Movimento Transformador Massivo
da Liberdade, das Novas Economias,
dos Empreendedores Sociais
e da Consciência da Humanidade

Prefácios:
Mara Mourão e Marcel Fukayama



Copyrighted Material

JAMES MARINS

A ERA DO IMPACTO

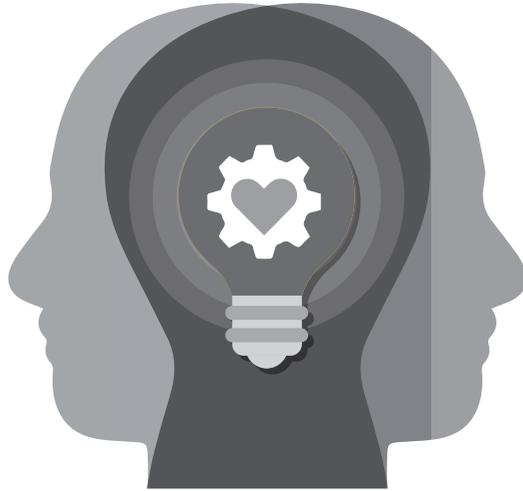


VOO

2019

Copyrighted Material

JAMES MARINS



A ERA DO IMPACTO

O Movimento Transformador Massivo
da Liberdade, das Novas Economias,
dos Empreendedores Sociais
e da Consciência da Humanidade

Prefácios:
Mara Mourão e Marcel Fukayama



Copyrighted Material

A ERA DO IMPACTO

O Movimento Transformador Massivo da Liberdade, das Novas Economias,
dos Empreendedores Sociais e da Consciência da Humanidade

Autor: James Marins
Coordenação Editorial: Claudia Kubrusly, Joana Mello e Priscila Seixas
Capa, Projeto Gráfico e Gráficos: Estúdio Sem Dublê – Thais Scaglione
Preparação de textos: Priscila Seixas
Revisão: Renata Ferreira e Raquel Benchimol
Ilustração de Capa: Thalita Cantos Lopes
Diagramação: Maurício Carneiro

Catálogo na Publicação (CIP)

M339 Marins, James
Era do impacto : O movimento transformador
massivo da liberdade, das novas economias, dos
empreendedores sociais e da consciência da
humanidade/ James Marins. 1. ed. - Curitiba: Voo,
2019.
424p.

ISBN 978-85-67886-32-9

1. Mudança social 2. Evolução social 3.
Desenvolvimento econômico - Aspectos sociais 4.
Capital humano 5. Consciência social I.Título

CDD: 304.4833

Elaboração: Cleide A. Fernandes CRB6/2334



IMPRESSO NO BRASIL



CADEIA RESPONSÁVEL

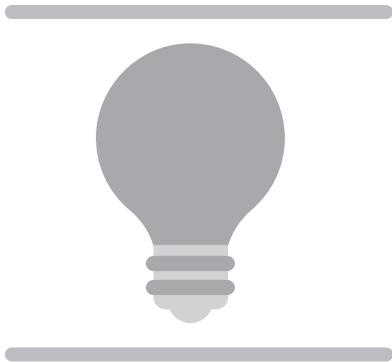


UM POR UM: CADA LIVRO, UMA CONTRAPARTIDA SOCIAL



Reservados todos os direitos de publicação à:
Editora Doyen Ltda.
Rua Ébano Pereira, 11, conj. 1203, Curitiba/PR, CEP 80.410-240
www.editoravoo.com.br

Para Gláucia
Alma gêmea de minha alma



PREFÁCIOS	15
Mara Mourão	15
Marcel Fukayama	19

#1

O MOVIMENTO TRANSFORMADOR MASSIVO	23
1. Quem se importa?	25
2. A melhor época da humanidade	27
3. A poltrona de Raffaello	35
4. Era do Impacto	41
5. Movimento Transformador Massivo	43
6. Propósito Transformador Massivo	46
7. Muitas linguagens que dizem a mesma coisa	47
8. Movimento Transformador da Liberdade (MTL)	48
9. Movimento Transformador da Economia (MTE)	53
10. As “anomalias” que iluminam a mudança	59
11. Movimento Transformador da Consciência (MTC)	61

#2

O MOVIMENTO TRANSFORMADOR DA LIBERDADE	65
1. Uma praia de finas areias brancas	67
2. A liberdade de evoluir	69
2.1 De egocêntrico a holocêntrico	69
3. Potências da liberdade	71
4. A liberdade é uma deusa de três cabeças	74
5. A liberdade da ignorância	76
6. Não há liberdade na brutalidade	77
7. A liberdade natural não é a liberdade humana	79
8. O paradoxo do desenvolvimento	80
9. Liberdade e desenvolvimento	81
9.1 Liberdades substantivas	83
9.2 Liberdades instrumentais	83
10. A superação da fome	85
10.1 A fome e a ignorância impedem a liberdade	87
10.2 Terríveis desvantagens naturais	88
10.3 O susto de Darwin	89

#2

11. A geografia da fome	90
11.1 Fome e comportamento moral	91
12. A solução malthusiana	92
12.1 A tartaruga vence a lebre	93
13. Desperdício monstruoso	95
13.1 Fome e sobrepeso	96
14. A ignorância é um bem que uma vez perdido não se recupera mais	98
15. Movimento massivo de escolarização	100
15.1 Uma blogueira que mudou o mundo	100
15.2 Movimento massivo de alfabetização	102
15.3 Somos mais de 200 milhões de estudantes universitários	104
15.4 Intensificação qualitativa	106
15.5 Transformação massiva na produção científica	107
16. Nossa saúde melhorou massivamente	108
16.1 Vacinação em escala planetária	110
16.2 Ganhamos valiosas “vidas-extras”	111
17. Novo conceito ético planetário	113
18. Estamos muito mais inteligentes do que há um século	115
18.1 A compaixão inteligente	117
19. O <i>big bang</i> de nossa criatividade	117
19.1 A explosão exponencial da música	119
20. Liberdade cívica	120
20.1 Etnocentrismos e racismos	120
20.2 Uma pá de cal no cientificismo racista	124
20.3 Somos iguais em nossa infinita diversidade	126
21. A conquista da liberdade cívica	128
22. O fim do fascismo, do comunismo e do totalitarismo	129
22.1 A democracia venceu e segue vencendo	131
22.2 As sufragistas e as ondas do feminismo	133
22.3 O arco-íris da diversidade humana	135
22.4 Água e chá, ética e religião	137
22.5 Para além da religião	139
22.6 Um desafio para físicos quânticos	141
22.7 Deontologistas e consequencialistas	141
22.8 Fundamentalistas estão de ambos os lados	144
22.9 A curva da evolução consciencial	145
22.10 A revolução do eu sensível	146

#3

O MOVIMENTO TRANSFORMADOR DA ECONOMIA

	149
1. Os economistas e a liberdade	151
1.1 O individualismo não constrói a liberdade	152
1.2 A liberdade da cooperação	153
1.3 As relações econômicas e a lei da gravitação universal	155
2. A economia é a teologia de nossa época?	155
3. A economia não é mais a mesma e passa por profunda mudança metodológica e cultural	158
4. Um mundo povoado por “máquinas de prazer”: o mitológico <i>Homo economicus</i>	161
5. A virada ética da economia e a revisão do conceito de empreendedor	162
6. O quase monopólio do pensamento econômico	164
6.1 A matematização da ciência econômica	165
6.2 Dualismo Estado/mercado	167
6.3 Maldito Nobel! A possibilidade de transformação teórica	168
6.4 A consciência ecológica	170
6.5 Novas Economias: a Economia de Impacto	170
7. Ideologias bipolares	178
7.1 Desideologização e descentralização	179
7.2 Capitalismo <i>versus</i> socialismo	181
7.3 Estado de bem-estar	182
7.4 A inovação descentralizada nos designs sociais	182
7.5 As polarizações estão derretendo	185
7.6 Capitalismo de bem-estar e socialismo de mercado	186
7.7 Arquitetura social inovadora	187
7.8 Estamos longe do fim da história	188
7.9 Os designs inovadores do pós-capitalismo	190

#4

NOVAS ECONOMIAS: A ECONOMIA DE IMPACTO

	195
1. Novos designs de negócios	197
2. Movimentos, teorias, propostas	201
2.1 O case da formação cultural do desenvolvimento sustentável	201
O papel da Organização das Nações Unidas	205
Necessidades sistêmicas	206
A sobrevivência da humanidade e a Agenda 21	206

#4

2.2 Capitalismo Natural: o resgate do capital humano e do capital natural	209
2.3 Quanto vale uma floresta, um rio ou uma criança	210
2.4 Responsabilidade Social Empresarial: "primero la gente"	212
Código de ética duplo	213
2.5 Capitalismo consciente <i>versus</i> S&P 500	214
Empresas desumanizadas <i>versus</i> empresas humanizadas	215
2.6 O Movimento Empresas B: como conquistar a admiração de seus filhos e netos	217
2.7 Aliança Mundial de Finanças Éticas	219
2.8 A grande anomalia	221
2.9 Microcrédito: o inovador fenômeno do Grameen Bank	222
2.10 Finanças sociais: inovação financeira que evidencia a mudança paradigmática	223
Recomendações ao ecossistema	225
O homem de 6 trilhões de dólares	226
2.11 As Empresas Sociais	227
2.12 <i>Startups</i> sociais: inovação, replicabilidade e escalabilidade para impactar o mundo	230
2.13 Capitalismo de valor compartilhado: nem todo lucro é igual	232
Apenas uma correção tática	233
2.14 Economia generativa: mutação espontânea da propriedade	233
2.15 Economia da abundância	235
2.16 Economia de compartilhamento e economia colaborativa	238

#5

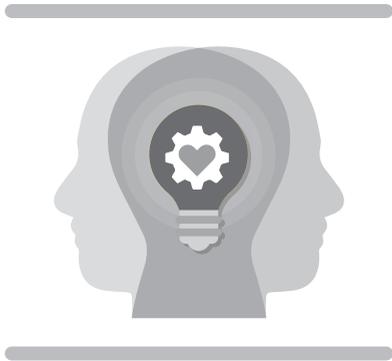
DIMENSÕES DO EMPREENDEDOR SOCIAL	241
1. O empreendedorismo social	243
1.1 O conceito de empreendedorismo social	245
1.2 Criadores de valor social	246
1.3 Multidimensionalidade do agente	247
2. Empreendedores sociais são sonhadores práticos	248
2.1 Construção multidimensional e dinâmica	249
2.2 Diferenças entre o empreendedor social e o empreendedor empresarial	250
2.3 Uma linguagem de aproximação	252
2.4 Empreendedoramente virtuoso	254
2.5 Cinco elementos heterogêneos	255

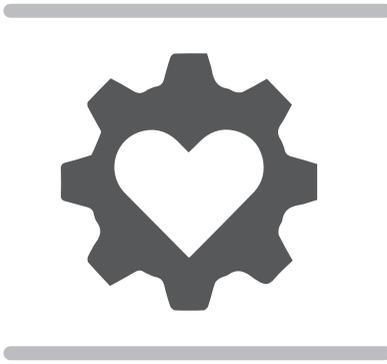
#5

2.6 Dimensões ética, tecnológica e psicológica	256
Dimensão ética do empreendedor social:	
pelo amor, pela dor, pela consciência (ADC)	257
O propósito é a energia moral que move a ação	257
Dupla solidariedade	259
Matriz de necessidades e satisfatores	259
Necessidades humanas substantivas e instrumentais	262
Objetivos do Desenvolvimento Sustentável	263
2.7 Catalisadores de propósito: dor, solidariedade, consciência	264
3. Dimensão tecnológica do empreendedor social: inovação para o impacto	267
3.1 Sem inovação não há empreendedorismo social	268
3.2 Sete fontes para a inovação	269
3.3 Produto, serviço, processo (PSP)	271
4. Dimensão psicológica dos empreendedores sociais: sonhadores, obstinados, ousados e práticos (SOOP)	272
4.1 A rica psicodinâmica do empreendedor de impacto	273
4.2 Sonhador, obstinado, ousado e prático (SOOP)	274
5. Propósito, inovação e atitude (PIA)	276
6. Diversas concepções e seus problemas	279
7. Modelos sintéticos com base em ETP/PIA	280
7.1 Negócios sociais	281
7.2 Empresa social modelo Yunus	283
7.3 Filantropia empreendedora	285
7.4 Voluntariado empreendedor	292
7.5 Intraempreendedorismo social	294
7.6 Empresas, governos, universidades e fundações	296
7.7 Negócio social exponencial	299
7.8 Empreendedorismo cívico	300
7.9 <i>Advocacy</i> , o "lobby do bem"	302
7.10 Finanças sociais	304
7.11 Negócios de impacto socioambiental e negócio de impacto em conservação da biodiversidade	306

#6

O MOVIMENTO TRANSFORMADOR DA CONSCIÊNCIA	309
1. A maior de todas as inovações	311
1.1 Por que somos capazes de inovar socialmente?	313
1.2 Alguns fatores para a mudança sistêmica	314
1.3 Uma longa jornada humana	316
1.4 Memória de garras e dentes	317
1.5 A inovadora Lucy	318
1.6 Evoluímos mais rápido que outros animais	319
1.7 Um salto de eras	320
1.8 O último milissegundo	321
1.9 Darwin não explica	322
1.10 Estado de inovação permanente	323
2. A inovação da evolução	324
2.1 O tristemente famoso gene egoísta	325
2.2 A vida não é uma excrescência acidental	327
2.3 Um erro de trinta séculos	328
2.4 Somente acreditamos no que podemos tocar	330
2.5 A Era Axial	331
3. Estágios conscienciais da humanidade	333
3.1 Para além do nosso cérebro	334
3.2 A Sociedade Evolutiva	336
3.3 Linhas e paradigmas evolutivos	339
3.4 A curva exponencial de evolução consciencial	344
3.5 Não é indolor nem rápido, mas é possível	353
4. A evolução da evolução: é hora de atualizarmos a nós mesmos	354
4.1 <i>Adeus sapiens, adeus economicus</i>	356
POSFÁCIO (Não naveguei milhas, velejei eras)	361
ANEXO (Relatório do <i>case</i> Instituto Legado de Empreendedorismo Social/Projeto Erasmus)	365
ÍNDICES (Diagramas, gráficos, figuras, quadros e tabelas)	372
NOTAS E REFERÊNCIAS	374
AGRADECIMENTOS	419





PREFÁCIO: POR MARA MOURÃO

Desde que decidi seguir a carreira de cineasta, meu objetivo era inspirar e promover mudanças positivas na sociedade. Minha primeira comédia já oferecia uma crítica ao jeitinho brasileiro, à nossa noção flexível de honestidade.

Com as comédias, a reação do público era sempre muito simpática: “Eu me diverti muito, ri bastante”. Afinal, é isso o que se espera ouvir sobre uma comédia. Foi quando realizei meu primeiro documentário de longa-metragem – *Doutores da Alegria, o filme* – que percebi que a reação do público era completamente diferente. Dessa vez, as pessoas me diziam que o filme havia mudado a vida delas. Senti na pele, pela primeira vez, o poder do cinema enquanto ferramenta de impacto social. Compreendi mais profundamente a função social da arte.

Foram centenas, talvez milhares de relatos chegando de todos os lados – indivíduos, organizações, empresas, ONGs, escolas, comunidades vulneráveis –, todos usando o filme como forma de abertura de diálogo, engajamento social, inspiração ou fonte de informação. E, como não poderia deixar de ser, essa experiência também me transformou. Sentir que eu estava tocando as vidas das pessoas de forma tão direta me comoveu muito. Foi por isso que decidi ir além, fazendo um filme sobre empreendedorismo social numa época em que poucas pessoas sabiam do que se tratava o tema.

Enquanto *Doutores da Alegria, o filme* retrata o trabalho de uma só organização, *Quem se importa* é um filme mais abrangente, pois traça um panorama sobre o empreendedorismo social ao redor do mundo. Talvez *Quem se importa* tenha mesmo sido o primeiro filme sobre o tema. Vejam só, uma cineasta de um país onde o setor cultural não é tratado como prioridade produz um filme de alcance internacional. Parece bem improvável, mas essas coisas acontecem no cinema.

Quem se importa teve um alcance bem maior do que eu esperava. Foi exibido nas Universidades de Harvard, Columbia, Duke, Brown, entre outras; em locais como o World Bank, Embaixada Francesa em Washington,

Museu de História do Canadá, na sede do Google em Palo Alto e muitos outros; em mais de 30 festivais de cinema ao redor do mundo, tendo ganhado seis prêmios internacionais e uma carta de recomendação da Unesco.

Ouvi depoimentos comoventes de professores dizendo que mudaram o jeito de ensinar e de jovens que decidiram dar outro rumo em suas carreiras. E histórias inusitadas, como a de uma garota que deu o filme para sua melhor amiga achando que ela iria adorar, mas a amiga largou o DVD em cima da mesa da sala. Resultado: seu pai, um senhor já de idade, assistiu ao filme e resolveu fundar uma ONG.

As histórias de impacto continuam a chegar até hoje. Casos de pessoas que começaram a atuar no setor social, que criaram organizações sociais e até algumas mais ousadas que largaram o emprego para criar seus negócios de impacto social.

O filme desdobrou-se numa série de TV e um programa de educação para jovens do Ensino Médio – o “Sementes de Transformação”. Junto de vários parceiros, criamos o primeiro acampamento de Empreendedorismo Social do Brasil e entramos em escolas e ONGs, respondendo a uma pergunta recorrente dos jovens: “Quero mudar o mundo. Por onde começo?”.

Enfim, a repercussão foi grande. *Quem se importa* foi virando um movimento que inspira as pessoas a descobrir seu próprio poder de transformação. É o tipo de filme que move pessoas a chamar grupos de amigos em casa para uma sessão, ou que as escolas recomendam como lição de casa. O impacto social que um filme pode causar não passa apenas pelo resultado de bilheteria. É outra métrica. É como aquela frase: “Nem tudo o que conta pode ser contado, e nem tudo que pode ser contado conta”.

Eu teria ficado muito feliz e agradecida se *Quem se importa* tivesse transformado a vida de uma só pessoa. Já teria valido o esforço de nossa equipe dedicada, dos anos para levantar os recursos e mais uma eternidade na ilha de edição.

O impacto social que um filme pode causar não passa apenas pelo resultado de bilheteria. É outra métrica.

Mas nada se compara ao que aconteceu com James Marins!

Imaginem como me sinto ao saber que uma obra belíssima e profunda como a *Era do Impacto* teve sua fagulha inicial em meu filme. Só tenho a agradecer à Liziane e ao Rodrigo por terem indicado o filme para James e Gláucia. Nem eles imaginavam que esse simples gesto se transformaria nessa bola de neve que culminou na criação do Instituto Legado, uma das organizações mais sérias deste país, e neste maravilhoso livro que o leitor terá o prazer de ler a seguir. Agora sim, posso afirmar que *Quem se importa* atingiu seu ponto máximo de impacto.

O livro que tenho a honra de prefaciar é uma obra-prima. Um retrato sensível e inteligentíssimo de uma nova consciência mundial. Mais que isso, é um manifesto! Um chamado para que todos compreendam como estamos interligados. James conseguiu reunir os principais temas da atualidade, partindo do empreendedorismo social e indo muito além. Como ele mesmo diz: *Um Movimento Transformador Massivo*. Não poderia ter definido melhor.

Bill Drayton, fundador da Ashoka, diz que a democracia não é apenas o direito de votar e falar livremente. Para ele, a culminação da democracia só virá quando todos formos cidadãos pró-ativos. A visão de Drayton – *Everyone a changemaker world* – se encaixa perfeitamente com a visão de Marins quando descreve que, embora estejamos vivendo problemas colossais, hoje temos a capacidade de enfrentar esses desafios, individual e coletivamente.

J. Marins propõe que nos responsabilizemos, ou melhor, *cocriemos* essa nova sociedade, afirmando que, nesta era de hiperconexão, só nos resta impulsionar problemas ou coconstruir soluções. Nada mais exato.

Estamos realmente vivendo algo muito novo e disruptivo. O autor descreve brilhantemente este *momento histórico global*. E me atrevo a dizer (intuitivamente) que tudo começou com alguns líderes sociais, fomentando a criação de organizações sociais, as quais, por sua vez, inspiraram o surgimento dos primeiros empreendedores sociais, que influenciaram uma nova cultura no setor privado.

Hoje vemos o aparecimento dos intraempreendedores sociais, das empresas sociais, dos negócios de impacto social, dos negócios inclusivos e de valor compartilhado, das Empresas B, do Movimento Capitalismo Consciente, das *startups* que já nascem com valores éticos em seu DNA,

coletivos, moedas sociais, bancos éticos, e todo esse novo ecossistema criando um ciclo virtuoso de que emerge um pós-capitalismo, mais justo e sustentável.

Nunca vivemos num mundo tão paradoxal. Intolerância, terrorismo, fanatismo, polarização, desigualdade e falta de empatia se contrapõem a um mundo onde compartilhamos casas, veículos, bicicletas, serviços, talentos e conhecimento; onde os jovens não mais almejam só o carro do ano, mas propósito. Talvez nossos jovens queiram viver de forma mais trivial, mais simples. Um modo de vida onde entraremos em contato com a *beleza do mundo*, e nos preencheremos internamente por meio das artes, das ciências, da espiritualidade, do contato íntimo com a natureza, e não um mundo baseado no consumo exacerbado.

E essa união
é algo novo
na história da
humanidade.

O que acontecerá com o nosso sistema econômico atual se houver um colapso do consumo da forma como existe hoje? E como será esse mundo se as pessoas pararem com a tentativa de sublimar seu vazio interno consumindo supérfluos e começarem a consumir valores, educação, bem-estar e relações?

Pela primeira vez na história da humanidade temos inimigos em comum: a degradação ambiental, o esgotamento dos recursos e a nossa própria sobrevivência enquanto espécie nos unem. E essa união é algo novo na história da humanidade. De forma profunda e ampla, James propõe: “Nessa nova Era, o *Homo economicus*, criatura já idosa nos seus 250 anos, deve ceder território para os mais jovens, como o *Homo solidarius*, o *Homo noeticus* ou o *Homo empathicus*”.

Percebe-se nitidamente que o impulso que levou James Marins a escrever *A Era do Impacto* não foi meramente o da erudição, do acadêmico, pois nas linhas e entrelinhas desta obra transborda um profundo desejo de gerar o bem, de causar impacto positivo, influenciar as velhas estruturas a se renovarem. Como ele mesmo diz: “Criar um mundo de possibilidades: um mundo onde os dias de todos sejam gastos com sonhos e realizações, não em luta pela sobrevivência”.

Somos otimistas demais? Não, James. Você está certo quando enxerga uma “sociedade massivamente mais saudável, mais livre, mais democrática, autoinovadora e capaz de acessar um nível de liberdade pós-convenicional, um estado consciencial mais elevado”. Afinal, “a maior de todas as inovações reside na nossa consciência”. E com certeza este livro contribuirá muito para elevar a consciência de todos os leitores.

A Era do Impacto é um livro fundamental, necessário e inspirador, para quem acredita que *todo mundo pode mudar o mundo*.

Boas transformações!

Mara Mourão

Mara Mourão é empreendedora social, cineasta, diretora do filme *Quem se importa*, ganhador de seis prêmios internacionais, exibido nas Universidades de Harvard, Columbia, Duke, Brown, entre outras, e em mais de trinta festivais de cinema ao redor do mundo.

PREFÁCIO: POR MARCEL FUKAYAMA

Recebi com imensa alegria o privilégio e a responsabilidade de escrever este prefácio. Tenho acompanhado o trabalho que James realiza em Curitiba e me entusiasma ver a sua liderança contagiando outros atores e suas iniciativas apoiando diversos empreendedores comprometidos em construir um outro mundo possível.

Em *A Era do Impacto*, James estrutura cuidadosamente o contexto para o movimento transformador massivo que vivemos. Ao reconhecer todos os avanços que tivemos nas dimensões da liberdade e da economia, ele destaca a importância e o potencial que trazem a dimensão da consciência. Isso nos permite olhar o mundo por outras lentes e criar um senso de progresso coletivo em outro nível de impacto e escala.

Por meio do Sistema B, sirvo a um movimento global que tem como objetivo redefinir sucesso na economia. Dessa forma, podemos conside-

rar sucesso não apenas o êxito financeiro, como também o bem-estar da sociedade, das pessoas e do nosso planeta.

Essa ampliação de consciência para a construção de uma nova economia mais inclusiva e sustentável está no centro do nosso trabalho. A Era do Impacto já chegou e é possível vê-la, por exemplo, por meio de cinco “atores-chave”.

Os *investidores* são o primeiro grupo. As dimensões risco e retorno marcaram o capitalismo industrial do último século. Neste século, considera-se a dimensão impacto como uma variável importante na equação do sucesso econômico. Atualmente, de acordo com o Credit Suisse, há quase 300 trilhões de dólares sob gestão no mundo. Desse montante, aponta o JP Morgan, 24 trilhões estão geridos para investimentos do tipo “Ambiental, Social e Governança” (ASG). Essa é uma categoria crescente de investimento, em especial após a crise norte-americana de 2008, e busca incorporar métricas de impacto na mensuração e no reporte das empresas.

Nessa linha, os *empresários* são o segundo “ator-chave”. A cada dia, mais e mais empresas utilizam ferramentas de mensuração e de reporte de impacto, como forma de ter métricas comparáveis, verificáveis e críveis a respeito do efeito que seus negócios têm sobre a cadeia de valor.

Ainda que medir o impacto com o mesmo rigor que medem o seu lucro seja muito importante, isso não é suficiente. É preciso construir um arcabouço institucional favorável para a construção de uma economia de impacto. Nesse sentido, os *governos*, como terceiro “ator-chave”, têm desenhado políticas favoráveis. O Brasil, por exemplo, por meio da Estratégia de Investimentos e Negócios de Impacto (Enimpecto), tem mobilizado agentes políticos, empresários, investidores e a sociedade civil organizada em torno desse debate.

Contudo, reconhecemos que um CNPJ é feito essencialmente de CPFs. Precisamos formar a liderança para os desafios e as oportunidades que esse movimento

É preciso construir um arcabouço institucional favorável para a construção de uma economia de impacto.

transformador nos traz. É fundamental, como um quarto “ator-chave”, envolver e engajar a *academia* na criação de novos programas acadêmicos, sistematização de casos de sucessos e geração de evidências de que a Era do Impacto chegou e está verdadeiramente gerando prosperidade para todos.

Por fim, o impacto começa a se tornar realidade aos *consumidores*, o quinto “ator-chave”. Cada vez mais informados, eles buscam opções de consumo mais responsáveis e conscientes. Ainda que o preço seja uma variável sensível, os atributos de marca já são influenciados pelo posicionamento das empresas, suas práticas alinhadas e coerentes aos discursos e, principalmente, sua responsabilidade com o triplo impacto positivo.

Nesse sentido, vejo em *A Era do Impacto* ao menos três contribuições relevantes. A primeira é o compromisso de James no combate à ignorância e à apatia. Na jornada de longo prazo para esse outro mundo possível, é fundamental que sensibilizemos, mobilizemos e engajemos a todos.

A segunda contribuição está em ter melhor entendimento dos desafios e oportunidades que vivemos no Brasil e no mundo. Cuidadosamente, James constrói o cenário do mundo em que estamos e como chegamos até aqui.

A terceira – e mais importante em minha opinião – é nos encorajar e convidar a ser parte desse processo de transformação massiva. Apesar de todos os desafios que o contexto nos traz, James nos provoca a não paralisarmos. Essa é a nossa melhor era e somos a geração que o mundo esperava.

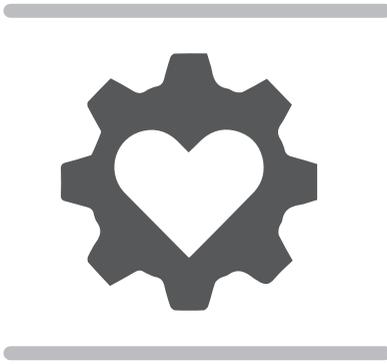
Portanto, sejam bem-vindos à *Era do Impacto*. Ela já existe e está acontecendo agora.

Boa leitura!

Marcel Fukayama

Marcel Fukayama é empreendedor social, cofundador da Din4mo e do Sistema B Brasil, diretor executivo do Sistema B Internacional.

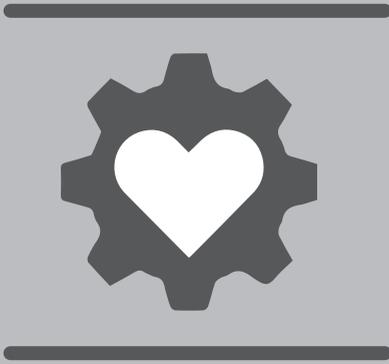
Precisamos formar a liderança para os desafios e oportunidades que esse movimento transformador nos traz.



#1

O MOVIMENTO TRANSFORMADOR MASSIVO

“Eu vejo empreendedores sociais surgindo em todos os lugares. E eu vejo as pessoas contando histórias de empreendedores, o que basicamente cria um ciclo virtuoso de mais pessoas que estão aprendendo sobre os empreendedores sociais e que, então, começam a tornar-se empreendedores sociais, o que, por sua vez, cria mais deles. E, finalmente, [entre] ser um cidadão e ser um empreendedor social, provavelmente não haverá diferença.” (Premal Shah, do KIVA, Estados Unidos, no filme *Quem se importa*, dirigido por Mara Mourão, 00:51:18”)



1. QUEM SE IMPORTA?

É uma fria manhã de inverno curitibano. A luminosidade do sol, mais vibrante nessa época do ano, pinta o céu de intensas variações de azul. Mas, diante de mim, descortina-se um mundo distópico, descolorido, retratado em uma sucessão de imagens aterradoras, conflitos insanos, bombas explodindo em nuvens sujas. Ouço o ruído dos tiros disparados a esmo. Vejo pessoas feridas física e moralmente desvalidas, desconstituídas. Desastres ambientais ferem minha retina e minha consciência. Chaminés vomitam fumaça tóxica. Um avião branco despeja toneladas de agrotóxicos. Favelas brotam em meio ao lixo urbano. Desesperança. Semblantes estranhos me encaram. Crianças, jovens e idosos são deixados para trás. Não adianta fechar os olhos. Faces apáticas figuram o sentimento de abandono de nossa própria espécie. Subitamente, uma voz feminina emerge, sem calor, e me diz: “Uma das coisas que sempre me pegou foi a frase ‘quem se importa?’, que ouvimos com tanta frequência. O sentimento de indiferença é algo muito triste. E a apatia e a ignorância são, na minha opinião, nossos piores inimigos”.

Tudo se desenrola em ritmo vertiginoso. Crianças brincam no esgoto, mulheres em fila carregam água em suas cabeças e caminham pensosamente. Milhares ou milhões de seres humanos se movimentam aceleradamente em monocromáticos vagões de trens ou metrô. Estão correndo de algo, para algo ou para nada. Não sei. A música é forte, marcada por vigoroso violoncelo. Sinto acelerar meu coração. Surge, agora, uma vocalização masculina em tom indefinível: “A maioria das pessoas passa a vida apenas tentando sobreviver. E o resto delas se perde em distrações, bombardeadas por informações desconectadas de sentido”.

Em seguida, reconheço a figura comovente de Ghandi, com as mãos unidas. Logo vejo a feição vigorosa de Martin Luther King. A cinzenta

 #1

voz retorna e me pergunta se ainda somos capazes de nos importar. Indaga se é preciso ser algum tipo especial de pessoa para provocar uma grande mudança. Eu não tinha a resposta. A mesma voz anuncia: “Todo mundo pode mudar o mundo”. E me conta a história de empreendedores sociais – sonhadores, ousados, obstinados e práticos – que estão mudando o mundo.

*Quem se importa*¹ é um documentário brasileiro dirigido pela cineasta Mara Mourão. Foi exibido em universidades norte-americanas, como Harvard e Columbia. Conquistou prêmios no Brasil e em diversas partes do mundo, dos Estados Unidos à Indonésia, recebendo recomendação até mesmo da Unesco. Antes de assistir a esse filme, eu não reconhecia o conceito de “empreendedor social” – peça-chave do documentário e deste livro. Assim como a maioria das pessoas, eu pensava, equivocadamente, que empreendedorismo somente poderia servir para fazer dinheiro.

Foram dois geniais empreendedores sociais, Liziane Silva e Rodrigo Brito, que me apresentaram ao filme e ao conceito. Graças a eles e à sua incrível colaboração, minha esposa Gláucia e eu iniciamos, em 2012, o Projeto Legado, um programa de expansão de impacto para empreendedores sociais de onde nasceu o Instituto Legado de Empreendedorismo Social.

Nesta jornada de sete anos vi-me diante de um universo novo, um mundo no qual pessoas usam seu propósito de vida, sua capacidade inovadora, sua ousadia e obstinação para mudar o mundo para melhor, para impactar positivamente nosso planeta. Vivenciei o empreendedorismo social, a filantropia empreendedora, os negócios sociais, as finanças sociais, as *startups* de impacto – novos designs de filantropia e de negócios que estão, sistemicamente, transformando as estruturas econômicas. Descobri que existem centenas de milhões de pessoas que se importam.

Descobri
que existem
centenas de
milhões de
pessoas que
se importam.

2. A MELHOR ÉPOCA DA HUMANIDADE

Percebi também que estamos vivendo na melhor época da humanidade, nossa melhor oportunidade enquanto espécie, e esse é um dos temas deste livro. É, como veremos, o que diz a voz da melhor investigação histórica e das estatísticas mais objetivas. Infelizmente, porém, como comprovam as diversas mídias, nós, seres humanos, tendemos a nos sentir atraídos por notícias ruins. Jornais, revistas, noticiários televisivos, posts nas redes sociais vendem mais, geram mais audiência, muito mais *likes* e são mais rapidamente consumidos – engolidos e compartilhados – se trouxerem alguma desgraça ou má notícia.

Talvez por isso muitos possam dizer que evidenciar empiricamente as conquistas da humanidade como uma tendência vitoriosa para o ser humano seja uma tolice.

Afirmam isso, em primeiro lugar, porque esse tema desafia o senso comum – que não se confunde com bom senso. Muitos de nós acreditamos piamente que estamos na pior versão da humanidade: guerras, ameaças, corrupção, fome, terrorismo, câncer, depressão, desemprego estão na paisagem mental da maioria dos cidadãos, impiedosamente bombardeados e vitimados pela rica pauta catastrofista da imprensa em geral – e das mídias sociais. É o “instinto de negatividade” a que se refere Hans Rosling.²

Em segundo lugar, porque muitas pessoas têm saudades de épocas passadas, tempos que imaginam ter sido muito melhores. É a síndrome da retrotopia, como coloca Zigmunt Bauman em sua última obra antes de morrer. Falecido em 2017, esse autor muito admirado e grande crítico social deixou um legado de pessimismo líquido, retoricamente impecável, mas imerso em desgraças pontuais que não revelam a grandiosidade da espécie humana. Para Bauman, nossa civilização não conseguiu amestrar o animal que se aloja dentro de todos nós:

#1

“... o animal hobbesiano dentro do ser humano emergiu da reforma moderna de maneiras indômitas e intactas, em seu formato prístino e potente, cru, rústico, rude/grosseiro, os quais o processo civilizatório conseguiu envernizar e/ou ‘terceirizar’ (como no caso da transferência de exibições de agressão de campos de batalha para campos de futebol), mas não reparar e menos ainda exorcizar.”

E prossegue:

“O animal resta à espreita, pronto a eliminar a camada terrivelmente fina de decoro convencional, antes destinada a ocultar o feio que a subjugar e conter o sinistro e sanguinário.”³

Bauman, em sua retrotopia, morreu no cárcere do tempo, como prisioneiro do século 20. Por assumir visões como essa, alguns prefeririam estar vivendo ainda na vibrante década dos Beatles, quando o segregacionismo ainda era lei; outros na charmosa *Belle Époque*, ou nos *Trinte Glorieuses*, quando cavaleiros educados morriam em duelos ou prefeririam ser revolucionários na Revolução Francesa, tempo do médico humanista Joseph-Ignace Guillotin; alguns adorariam viver como os imperialistas romanos, participar de orgias e usar o gládio. Talvez existam os que desejassem voltar à pseudodemocrática e escravagista Grécia Antiga para venerar etilicamente o deus Dionísio (ou Baco, se entre os romanos) e desfrutar de conversas peripatéticas com Aristóteles. Ultimamente, tenho ouvido até dizerem que desejariam ter um estilo de vida como o dos musculosos conquistadores e violentadores Vikings, das séries de TV por assinatura.

Os mais radicais querem voltar a viver nus, felizes caçadores coletores em harmonia com a generosa mãe natureza, completamente isolados de nossa cruel civilização. Essa seria a liberdade total, a liberdade natural, o retorno ao paraíso perdido, a retrotopia perfeita.

Por esses e outros motivos, me disseram que seria perda de tempo escrever sobre as conquistas da humanidade, sobre empreendedorismo social e as oportunidades da nossa Era do Impacto, quando o que realmente as pessoas preferem são as derrotas da nossa espécie, seus desatinos e ignorância. Para algumas pessoas, as derrotas coletivas, as falhas colossais da experiência civilizatória serviriam para justificar nossa infelicidade individual, nosso desconcerto em relação ao mundo. É uma visão do tipo “parem o mundo que eu quero descer”.

Mas não creio que seja uma tolice descrever nossas possibilidades reais de ação, nossos avanços, materiais e conscienciais, como fazem Hans Rosling, Steven Pinker, Ken Wilber, Miriam Leitão, entre muitos outros, porque o problema é que a má informação (déficit informacional) gera enorme dificuldade comparativa e isso nos convence de que somos uma espécie derrotada. Como disse em “off” a narradora do filme *Quem se importa*, a apatia e a ignorância são nossas piores inimigas. Pretendo aqui combater ambas.

Se Bauman acreditou que existe apenas uma fina camada a nos separar da barbárie, Hans Rosling criou gráficos dinâmicos, espetaculares, robustos, para mostrar nossos grandes avanços como sociedade em termos de riqueza, saúde, educação, arte e cultura. Não é uma camada fina, mas, sim, muitas e muitas camadas de civilização que interpusemos entre nosso atavismo animal, entre a vida carniceira do bestial *sapiens* de 200 mil anos atrás e nossas conquistas contemporâneas.⁴

Se Bauman nos viu como sanguinários à espreita, Steven Pinker escreve uma obra monumental para evidenciar, por meio de pesquisa sólida de fontes paleontológicas e históricas, que – apesar do equivocado senso comum – vivemos a época mais segura de todos os tempos, com menos mortes violentas e menos guerras do que qualquer outro período.⁵

Enquanto Bauman descreveu a nós mesmos como seres crus, rudes, rústicos, grosseiros, tribais, Ken Wilber se utiliza de metanálises de psicologia social, intercalando milhares de estudos do Ocidente e do Oriente, para concluir que estamos na etapa mais avançada da consciência humana, uma consciência global que segue superando os grilhões do egocentrismo e do tribalismo.⁶

Em seu livro *História do Futuro*, a experiente jornalista Miriam Leitão percebe a importância de nosso momento atual: “Nenhum outro tempo de nossa história reuniu tantas condições favoráveis para nós quanto o século 21. Que nos apressemos. Há muito a fazer, o futuro está sendo escrito”.⁷

Meu objetivo neste livro é mostrar que não há retórica que sobreviva aos fatos. Má informação e retrotopia acabam por ter um efeito congelante, capaz de paralisar nossas melhores possibilidades colaborativas. Precisamos dessas possibilidades de ação e temos de nos apressar porque, embora comprovadamente sejamos a melhor versão de nós mesmos, há muito a ser feito ainda.

#1

Não podemos ignorar que vivemos na época de maior produção e acumulação de riqueza da humanidade, nem que a desigualdade de recursos e de oportunidades é um mal terrível. Um relatório da Oxfam denominado *Uma Economia para os 99%* nos informa que, desde 2015, o grupo do 1% mais rico entre os seres humanos detém mais riqueza que o resto da espécie e que o patrimônio de apenas oito indivíduos é igual ao da metade mais pobre do mundo.⁸

De acordo com a Organização Mundial da Saúde, somos 2,2 bilhões de pessoas com sobrepeso e 850 milhões de indivíduos que passam fome. Enquanto 4 bilhões de pessoas utilizam smartphones, 800 milhões de pessoas não contam com eletricidade, diz o Banco Mundial.

No plano ambiental, a economia extrativa está exaurindo o nosso planeta, colocando em risco as gerações futuras. O Painel Intergovernamental de Mudança Climática da ONU alerta que uma catástrofe ambiental está se avizinando, caso o planeta sofra um aumento médio de temperatura superior a dois graus. É a emergência ecológica que não pode mais ser tratada como mera externalidade, como gostariam muitos economistas. Ao mesmo tempo, 175 países do mundo já reconhecem o problema e estão se engajando na solução.

Tristes paradoxos do nosso bissecular modelo de desenvolvimento utilitarista. Penúria e abundância, fome e sobrepeso, carvão e sol, escuridão e luz.

O que proponho nas linhas e entrelinhas deste ensaio é uma autorreflexão. Quem se importa? Estamos paralisados pela vertigem da velocidade do mundo contemporâneo, caminhando para lugar nenhum? Acreditamos que não temos um caminho a seguir? Tomamos nossas próprias conclusões ou decisões ou preferimos o conforto de terceirizar o problema? Somos capazes de construir o futuro ou preferimos habitar o passado?

Claro que temos problemas econômicos, problemas de design de um mercado que descartou a ética humana e ecológica. Está cada vez mais presente a percepção de que o socialismo perdeu, mas o capitalismo não venceu. Isso significa que existem alternativas.

A questão é que não podemos mais acreditar levemente em velhas soluções, ora centralizadas em Estados, ora em corporações, ou mesmo em universidades ou igrejas ou ideologias totalitárias, o que não quer dizer a falência do “animal” humano. Ao contrário.

A solução depende de cada um de nós. Essa frase, que um dia pode ter parecido tola, um mero mantra de livros de autoajuda, hoje, finalmente, é real: nos últimos anos, cada um de nós ganhou uma parcela de poder realizador que nunca teve. Jamais nossa capacidade de opinião, ação, participação e colaboração em escala para mudanças sistêmicas foi tão grande.

As tecnologias digitais reconfiguraram nossos padrões de comportamento. Em nossos bolsos estão abertas pequenas janelas de informação, conhecimento e ação. Smartphones se tornaram extensões de nosso cérebro de um modo que nenhum livro ou filme de ficção científica foi capaz de antecipar. Nem o drama psicogenético *Gattaca*,⁹ bem ao gosto do futuro aterrador descrito pelo *Homo sapiens* Harari,¹⁰ tampouco o distópico *Blade Runner*, de Ridley Scott, com seus charmosos androides pseudo-humanos, conseguiram nos fazer vislumbrar as possibilidades que vivemos hoje.¹¹

Atualmente, mais da metade dos seres de nossa espécie é dotada do poder da ubiquidade (estar em todos os lugares ao mesmo tempo) e da onisciência (capacidade de saber tudo). Não por meio de uma bola de cristal, mas de algo ainda mais poderoso: uma disruptiva tela de cristal tecnológica. Nela, podemos assistir em tempo real ao que se passa no mundo.

Nessa tela mágica, a escolha pode ou não ser consciente, dependendo exclusivamente de nossa própria decisão. Nossa consciência é o único filtro capaz de fazer frente aos desafios criados por máquinas digitais e robôs algoritmizados, talvez programados para propósitos inconfessáveis.

Como o mundo está mais transparente, para o mal e para o bem, tanto exudando diariamente o que tem de ruim quanto multiplicando tudo o que há de bom – que não é pouco –, temos que eleger minuto a minuto o que vamos impulsionar: egoísmo, etnocentrismo, utilitarismo, ódio, tribalismo e nacionalismo ou compreensão, tolerância, amor, empatia, diversidade, colaboratividade e globocentrismo. Na dinâmica da hiperconexão, na lógica das conexões ecossistêmicas, cabe a nós, tão somente, impulsionar problemas ou coedificar soluções.

Mais livres, mais informados, mais conectados e mais conscientes, nossa responsabilidade com toda a humanidade aumenta. Nossas ações individuais se multiplicam com facilidade e contam agora mais do que

#1

nunca. A liberdade conquistada, física ou digital, não é o território do conforto como pensam alguns. É o território da decisão, onde o pensamento, ao ser compartilhado, se torna ação massiva.

Por isso e muito mais, devemos agir. E a notícia boa é que podemos. *Devemos* porque estamos enfrentando problemas colossais e *podemos* porque, na última década, ganhamos a capacidade de enfrentar esses desafios, individual e coletivamente.

Este livro não trata de um “otimismo ingênuo”. Ao contrário. No presente ensaio, visualizo principalmente o grande quadro de evolução da humanidade, utilizando para isso uma complexa combinação de dados empíricos e teóricos. Portanto, é importante ter em mente que fatos cotidianos como pobreza, ignorância, egoísmo, violência, desemprego ou desesperança, embora sejam relevantes e choquem nossos sentidos, não representam o todo da humanidade e nem mesmo expressam o estado atual de evolução em que nos encontramos. Para compreendermos nossas possibilidades, não podemos nos limitar à estreita visão de nosso horizonte pessoal. Precisamos de uma visão mais abrangente, complexa e sistêmica.

Quando afirmo que podemos agir, não estou simplesmente formulando um enunciado moral, mas me propondo a compartilhar a experiência vivida nos últimos oito anos de imersão em um universo novo: o universo do impacto, da ética do impacto social e socioambiental que muda o mundo.

E nesse novo universo reside a constatação e a proposta. Nos últimos anos, tive a oportunidade de acompanhar de perto iniciativas de impacto social em todas as escalas. Não paro de me surpreender com a capacidade dos empreendedores sociais, com seu extraordinário senso de propósito, com o quanto são sonhadores, ousados, obstinados e práticos. Em minha jornada pessoal, seja no universo corporativo, jurídico ou como escritor e professor e, mais recentemente, na experiência vivida enquanto cofundador, cocriador, mentor e também investidor de diversas iniciativas de impacto social, encontrei centenas de empreendedores sociais que redefinem a maneira pela qual podemos resolver sistemicamente os complexos problemas da nossa sociedade.

Aprendi que há milhares de empreendedores que definem seu sucesso não apenas pelo lucro que geram, mas principalmente pelo impacto

social e socioambiental que perseguem em benefício de toda a sociedade. Empreendedores que não querem ser os maiores do mundo, mas os melhores para o mundo.

Conversei com um inspirador banqueiro bengalês que desafiou princípios financeiros conservadores e edificou o maior banco para pessoas pobres do mundo, impactando milhões de seres humanos.¹² Também estive com um brilhante financista espanhol que criou um paradoxal banco ético e liderou um movimento mundial que trata do dinheiro com consciência para impactar positivamente o mundo.

Particpei diretamente da evolução de uma *startup* de alto impacto socioambiental, formada por pessoas que decidiram mudar suas vidas para mudar o mundo e, utilizando nanotecnologia, construíram, no Brasil, a maior fábrica do planeta na produção de películas orgânicas fotovoltaicas, sustentáveis e recicláveis, capazes de gerar energia limpa e renovável em escala inimaginável (OPV, na sigla em inglês).¹³ Inscrevi-me em um aplicativo que utiliza chamadas de vídeo para ajudar cegos em suas tarefas diárias e acompanhei, com surpresa, como em dois anos esse *app* permitiu que quase 3 milhões de voluntários pudessem auxiliar cerca de 150 mil deficientes visuais.¹⁴

Mas não são apenas as grandes iniciativas que contam hoje – e aí mora a diferença. Assisti ao nascimento e desenvolvimento de ideias transformadoras, iniciativas de todos os tamanhos, para todas as escalas de ação, capazes de descentralizar soluções.

Sem precisar sair de minha cidade, convivi com jovens idealistas e estudiosos de mecatrônica que utilizam uma combinação brilhante de tecnologias como mecânica, eletrônica, agronomia e internet das coisas para distribuir e revolucionar a produção de alimentos do mundo. Particpei da iniciativa de um pós-doutor, especialista em escorpiões, que criou um aplicativo baseado em localização satelital para conectar pessoas com algum tipo de deficiência com estudantes dispostos a ajudar. Uma ideia simples, transformadora, empática, inclusiva e inédita em todo o mundo.¹⁵

Vi meninos de 13 anos, *hackers* do bem, saídos da periferia de Curitiba, produzirem soluções tecnológicas para ajudar a Nasa a combater incêndios florestais nos Estados Unidos. Eles nos contaram, com naturalidade, como criaram inovações que nenhum engenheiro aeroespacial havia sequer cogitado.¹⁶

#1

Acompanhei o esforço de uma jovem designer, desempregada, que partiu literalmente do zero e criou um negócio social inovador que combina capacitação, geração de renda, empoderamento feminino e reciclagem de descartes da indústria têxtil. Em três anos, essa genial empreendedora social, praticamente sem recursos, ajudou mais de 600 famílias.¹⁷

Comovi-me com a história de uma mãe esmerada do interior do Paraná que transformou a dor de sua pequena filha em um inovador projeto de filantropia empreendedora que, por meio de impressoras 3D construídas por seu irmão, produz próteses de pequenas mãozinhas, altamente funcionais, e envia para crianças de todo o mundo que sofrem de agenesia de membros.¹⁸

Conheci um pai que, do indizível sofrimento pela perda de sua filha para uma doença hospitalar, retirou energia transformadora para criar um robô para unidades de terapia intensiva que hoje já salva dez vidas por dia.¹⁹

Se não precisei ir longe para encontrar tantos exemplos de transformação, podemos realmente afirmar que somos destinados a ser rudes, como sugeriu Bauman? Enquanto alguns preferem enxergar um mundo de grosseiros nacionalistas, negociantes utilitaristas, xenófobos, tribalistas, líderes etnocêntricos, terroristas fundamentalistas e ditadores que se divertem enriquecendo urânio, eu vejo um universo de seres humanos empáticos, empreendedores conscientes, líderes integrais e cidadãos colaborativos atuando em rede e sistemicamente desfrutando possibilidades inéditas, local ou globalmente. Os do primeiro grupo são prisioneiros do passado, da retrotopia. Os do segundo são os designers do futuro. Novamente, a escolha da sintonia cabe exclusivamente a nós.

Mas então como se relacionam histórias tão distintas e aparentemente distantes? Qual é a conexão entre o sofrimento criador de uma mãe que vive em uma pequena cidade do interior do Brasil e a inquietação de um economista que nasceu em Bangladesh e ganhou o Prêmio Nobel da Paz? Há uma quantidade imensurável de fios invisíveis que entrelaçam todas essas histórias.

Compreendi como o propósito de impacto social e socioambiental tem se constituído, de forma cada vez mais massiva, na nova ética global operada pela ação de seres humanos que movem a vida e o caldo de cultura que chamamos de mercado e que podem redefinir os rumos de nossa árdua trajetória no planeta Terra. Reflexo de um novo nível de consciência da humanidade.

Quando comecei a escrever este livro, tive a certeza de que me encontrava diante de algo mais, de alguma coisa muito maior que um punhado de iniciativas eticamente responsáveis. Ao escrevê-lo, descobri que todos esses acontecimentos, aparentemente anômalos, não são isolados. São ocorrências relacionadas a um momento histórico global, uma era de transição planetária, um momento auspicioso para nossa espécie.

Encontramo-nos em um ponto de inflexão que pode ser entendido a partir da força combinada entre várias conquistas que não podemos ignorar e as quais precisamos nos esforçar para compreender em toda a sua extensão transformadora. A elevada condição de liberdade fisiológica, intelectual, cívica e consciencial – a liberdade pós-convencional – de centenas de milhões de seres humanos, combinada ao acesso à tecnologia capaz de gerar inovação exponencial, constitui-se em uma inédita energia criadora, que passa a ser utilizada por meio de novos designs cívicos e de negócios que propõem a reinserção da ética nas ações econômicas.

É um gigantesco Movimento Transformador Massivo que está em curso, acessível a todos e entretecido de fios invisíveis. É a Era do Impacto.

3. A POLTRONA DE RAFFAELLO

Embora toda época de nossa história possa ser considerada especial em algum sentido, podemos observar nas últimas décadas uma intersecção inédita de fatores muito poderosos que estão redefinindo rapidamente a jornada humana. É sobre isso que trata este livro. Mas explicar uma cosmovisão é tarefa complexa. Para isso, adotei como base um modelo simples, de análise triádica, para depois cobri-lo com as cores da complexidade. Essa opção sempre me atraiu muito por sua elegância estética e força pedagógica.

O modo triádico de ver a realidade goza de certa tradição – quase intuitiva – em diversos sistemas de pensamento comuns em todas as épocas e em todos os campos de investigação.

#1

Francis Bacon dizia que três descobertas diferenciavam sua época: a imprensa, a pólvora e a bússola. Para Thomas Hobbes, três ramos do conhecimento superavam todos os demais: a física, a psicologia e a política. A religião católica consagrou a unidade da santíssima trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Augusto Comte idealizou a história em três estados: teológico, metafísico e científico. Karl Polanyi enxerga três grandes épocas econômicas: reciprocidade, redistribuição e mercado. Richard Parnas sustenta que o pensamento ocidental pode ser dividido em clássico, religioso e científico. Peter Watson, em sua monumental história das ideias, afirma que as maiores descobertas da humanidade foram a alma, a Europa e a experimentação.²⁰ E o premiado com o Pulitzer Yared Diamond explica o mundo sob a trivial combinação de germes, armas e aço.²¹

Na verdade, não precisamos ir longe, afinal, todos acreditamos habitar uma biosfera composta de terra, mar e ar e aprendemos na escola que o nosso o corpo físico é composto de cabeça, tronco e membros. Não precisamos, mas devemos. Por isso, algumas importantes explicações triádicas do mundo estarão entretecidas neste livro. O psicólogo evolucionista Ken Wilber propõe que nossa visão de mundo contemple a tríade eu, nós e isto, e explica que a evolução consciencial da humanidade parte do egocêntrico, segue para o etnocêntrico e alcança o globocêntrico.²² Sob o ponto de vista epistemológico, o pensamento sistêmico é descrito por Maria José Vasconcellos como a relação triádica entre complexidade, instabilidade e intersubjetividade.²³ Assim como eles, também discorro sobre a figura do empreendedor social sob a tridimensionalidade ética, tecnológica e psicológica.

Por tudo isso, vou explicar nas próximas páginas a etapa histórica em que nos encontramos com base nas esferas da *liberdade*, da *economia* e da *consciência*. Três dimensões fundamentais e abrangentes da complexa riqueza de nossa condição humana contemporânea e que caracterizam a Era do Impacto.

A primeira dimensão é o *movimento transformador da liberdade*, porque precisamos compreender o quanto foi conquistado nesse campo – em terrenos como necessidades fisiológicas, equidade de raça e gênero e liberdade política e religiosa – e o quanto isso impacta em nosso futuro.

A segunda dimensão é o *movimento transformador da economia*, diante das profundas alterações de pensamento e ação que estão sendo pro-

duzidas nesse terreno no qual o mercado migra do capitalismo para o pós-capitalismo. É também a dimensão da inovação, em que residem as ferramentas tecnológicas para a construção do futuro.

A terceira, e talvez a mais importante dimensão, é o *movimento transformador da consciência*. A evolução consciencial é a intangível matéria adesiva que promove nosso aperfeiçoamento coletivo e permite atingirmos o nível de liberdade pós-convencional.

Todos esses movimentos estão interligados de forma incindível, de modo a constituir o pano de fundo deste livro que é o Movimento Transformador Massivo (MTM), onde germina e floresce a Era do Impacto. A divisão atende unicamente a meu intento didático, sem a pretensão de estabelecer qualquer espécie de reducionismo epistemológico.

Embora este ensaio não tenha pretensões filosóficas, pois apenas me proponho a realizar a descrição de uma cosmovisão apresentada tanto quanto possível sob uma perspectiva sistêmica, é uma visão de mundo decorrente de minha experiência recente e que espero ser útil, assim como é para mim, para melhor orientarmos nossas ações. Essa visão pode ser contemplada na figura abaixo, cujo movimento está representado pela imagem de um cata-ventos com três pás identicamente potentes e capazes de proporcionar a ação transformadora:

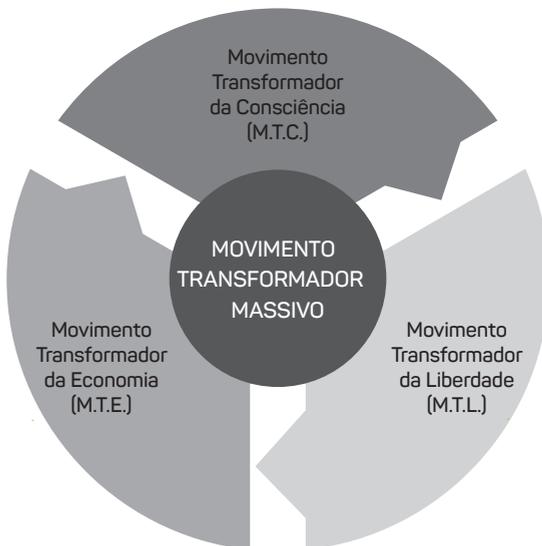


Diagrama 1 -
Movimento
Transformador
Massivo (MTM)

#1

Nessa estrutura triádica que escolhi para evidenciar a existência do fenômeno que denominamos Movimento Transformador Massivo, cada dimensão está dividida também em três subdimensões, quase invisíveis, mas igualmente entrelaçadas. A primeira examina os importantes movimentos que proporcionaram liberdades cívicas, físicas e espirituais. A segunda lança a tríade dimensional crítica que atinge a economia estatal, privada e da ecologia, como os movimentos de evolução dessa percepção e sua associação com o empreendedorismo social e os novos designs econômicos. E a terceira subdimensão se dedica aos movimentos de evolução que vão do egocentrismo, passam pelo etnocentrismo e chegam ao globocentrismo.

Para completar a ossatura oculta do livro, as três dimensões propostas serão examinadas como três colunas verticais que estarão atravessadas por três constantes horizontais: descentralização, exponencialidade e inovação. São elementos transversais a todos os temas tratados, ora operando como pressupostos ora como resultado. Por exemplo, na Era do MTM, centenas de milhões de cidadãos conquistaram a capacidade de pensar e agir, o que aumenta exponencialmente a descentralização das decisões, das soluções e dos recursos. A tecnologia inovadora entrega para bilhões de pessoas as ferramentas, que fomentam sua colaboração como nunca antes. Recursos e informações que até pouco tempo estavam concentrados em governos, corporações e universidades estão hoje disponíveis descentralizadamente, de modo distribuído, em todo o planeta. São números exponenciais.

Essas tremendas transformações ocorrem em todo o mundo e estão associadas à elevação do nível de consciência da humanidade, fenômeno evolutivo da espécie humana que vem sendo estudado nas últimas décadas por pesquisadores da psicologia do desenvolvimento. Essas pesquisas indicam a existência de uma curva exponencial no estágio de desenvolvimento da consciência de todos os indivíduos.

Com essa síntese, formamos finalmente o seguinte diagrama:

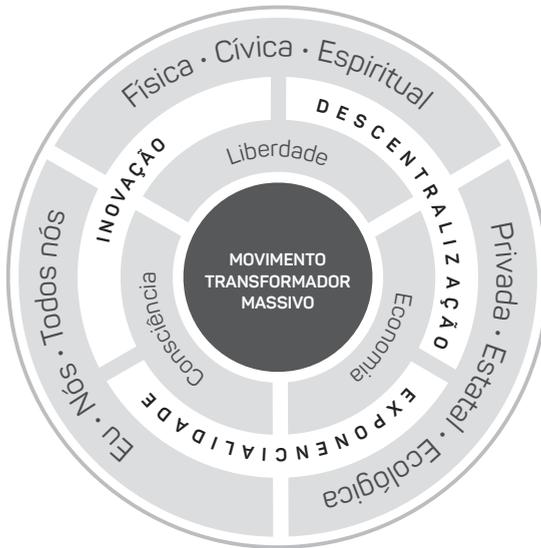


Diagrama 2 -
Movimento
Transformador
Massivo (MTM)

Essa é, graficamente, a anatomia deste livro. Na verdade, de início, pensei que sequer deveria revelar a ossatura do texto. Mas decidi, por razões pedagógicas, evidenciar essa infraestrutura oculta, que denomino “Poltrona de Raffaello”. Chamo assim em alusão à técnica utilizada pelo mestre renascentista. Radiografias de suas obras revelam que Raffaello, antes de pintar uma figura humana sentada, por exemplo, desenhava a estrutura da poltrona, como meio de estabelecer uma referência, uma proporção, mesmo que a cadeira em si não aparecesse no retrato final. Raffaello pincelava densamente por cima da estrutura. Por isso, o esqueleto acima será como minha “poltrona triádica”, já que escreverei sobre o desenho da poltrona, respeitando – quase sempre – suas proporções.

Reconheço que a quantidade de assuntos tratados neste ensaio gera uma complexa tessitura, envolvendo desde conceitos imemoriais de liberdade, passando por ética, sociologia, psicologia, economia, ecologia, tecnologia e espiritualidade até mecânica quântica. Considerando-se a visão o tanto quanto possível sistêmica proposta aqui, é importante que sua representação expresse relações e interações, em vez de fragmentação e independência. A ênfase, nesse caso, é mais para relacional (sistêmica), no sentido de Vasconcellos,²⁴ e holística, no sentido de Wilber,²⁵ que utiliza a locução integral. Para o modo de ver sistêmico que aqui

#1

procuro adotar, reconheço que – apesar de minhas enormes limitações – o tema requer um tratamento que respeite sua complexidade e, mais que a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade. Do mesmo modo, no próprio transcorrer do livro evidencio a instabilidade dos conceitos empregados e a necessidade de interlocução entre várias linguagens, entre vários domínios.

Como procuro transmitir aqui algumas de minhas experiências pessoais, também não pretendo criar uma falsa impressão de objetividade (embora sempre que possível eu recorra ao discurso objetivo, que não pode ser descartado). Mas, ao contrário, coloco-me como sujeito da própria narrativa, realçando o aspecto de intersubjetividade que o tema requer. Em verdade, compreendo que, ao mesmo tempo que escrevo sobre este objeto, eu o estou coedificando.²⁶

Tenho plena consciência do perigo que enfrento e de que as reduções, formalizações e, nesse caso, as representações gráficas como as que faço, embora sejam destinadas a cumprir um importante papel didático, são sempre muito arriscadas. Eu ficaria muito feliz se pudesse alcançar o resultado didático sem comprometer o espírito original da obra, que é o de demonstrar as mudanças sistêmicas em curso.

Gostaria de poder afirmar, como fez Maimônides há mais de 800 anos em seu fabuloso *Guia dos perplexos*:

“Se desejas compreender tudo o que este tratado contém de maneira que nada lhe escape, relaciona seus capítulos uns aos outros. Neste tratado, as coisas jamais são ditas por acaso, mas tudo é dito com uma grande exatidão e muita precisão. Nada foi dito fora de seu lugar.”²⁷

Mas não posso. Por isso, para me fazer entender, além dos desenhos aqui apresentados utilizarei em alguns tópicos muitas outras figuras com o objetivo de tornar mais compreensível aquilo que, com meus poucos recursos literários e intelectuais, não consigo transmitir. Também utilizarei, tanto em primeira como em segunda mão, gráficos e tabelas estatísticas que ilustrem os temas propostos. Aliás, todas as figuras, gráficos e tabelas estarão disponíveis no sítio do livro, sob a forma de apresentação, para que possam ser livremente utilizadas por professores, pesquisadores, alunos, palestrantes, gestores, empreendedores sociais etc.

Como utilizarei muitos exemplos de iniciativas de impacto que fazem parte da Rede Legado de Empreendedorismo Social, anexei ao livro o relatório do *case* do Instituto Legado elaborado por pesquisadores do Projeto Erasmus, da União Europeia, para que os leitores possam compreender, a partir de uma visão externa, os diversos campos de atuação ecossistêmica daquela iniciativa. Esse programa da União Europeia, do qual participam pesquisadores da PUCPR, denomina-se “Empowering Change Makers: Youth Social Entrepreneurship and Social Innovation in the Citizen Sector” e envolve um consórcio entre cinco países (Brasil, Bulgária, Grécia, Namíbia e México) para gerar material educativo sobre empreendedorismo social em plataforma digital traduzida para diversos idiomas. O Instituto Legado é um dos oito casos escolhidos no Brasil (a descrição do *case* está no Anexo ao final do livro).

4. ERA DO IMPACTO

Alguns esclarecimentos sobre o título do livro se fazem necessários. A dicção *era* significa um período histórico, um certo espaço de tempo marcado por determinadas ocorrências. Pode ser uma unidade geocronológica, indicadora de dado referencial de tempo para a geologia, como a Era Glacial, ou pode determinar um período cultural, religioso, artístico ou mesmo tecnológico, como a Era Cristã, a Era Renascentista, a Era Napoleônica ou a Era Espacial. Uma *era*, então, indica dado momento no curso do tempo, no qual determinada e nova ordem de coisas se faz presente. Não tenho a pretensão de datar a Era do Impacto ou o início do MTM, mas posso dizer que os eventos que determinam as mudanças aqui analisadas passaram a acelerar-se a partir da década de 1980, com a consciência ecológica, a queda do Muro de Berlim, o

#1

colapso do totalitarismo na Europa e América Latina, a consciência ecológica, o declínio econômico mundial e o início da Era da Informação e do conhecimento e suas características de exponencialidade.

O fato é que estamos vivenciando um período de transição que envolve nossas concepções de liberdade, a introdução de novos designs econômicos e a inédita capacidade de inovação, não apenas tecnológica, mas de aprimoramento do próprio ser humano.

Impacto é uma locução polissêmica, isto é, pode ter vários significados, e sua utilização no título deste livro pode comportar mais de um. O primeiro, mais conhecido, é o sentido de choque, de um corpo arremetido que encontra um obstáculo. É, de certo modo, o que sentimos quando nos vemos psicologicamente arremessados, impelidos contra ou pela aceleração dos fatos, da tecnologia, das inovações, das mudanças do mundo que não comportam refazimento. O impacto é a forte impressão, o choque de realidade que sofremos em tempos de aceleração da vida.

Embora muito do que tratarei nas páginas a seguir façam parte dessa sensação de arremesso, de choque, de aturdimento, não é esse o sentido principal da locução para este livro. Além disso, existem outras esferas de impacto em nossa era, como a que Rifkin denomina de “impacto entrópico”, referindo-se ao choque que nosso planeta sofre quando consumimos uma quantidade colossal de energia irrecuperável.²⁸ Esse impacto entrópico também faz parte do contexto do livro.

Mas o sentido principal da palavra impacto, a função semântica utilizada aqui com frequência, é o de *nova ética econômica da busca pelo resultado social e socioambiental positivo*. Essa importante vertente semântica contemporânea ainda não foi detectada pelos dicionários nem pelas enciclopédias. Por exemplo, se você procurar “impacto” na Wikipédia, encontrará apenas uma “página de desambiguação”.²⁹ Na forma como a utilizarei ao longo do livro, a palavra recebeu uma nova significação, muito comum no âmbito do empreendedorismo social e em diversos novos designs de negócios. Impacto, nesse caso, quer se referir aos resultados positivos que uma atividade econômica deve gerar na sociedade e no meio ambiente. Temas como negócios de impacto, finanças de impacto, *startups* de impacto, mensuração de impacto e muitos outros são comuns nesse

campo. Embora ainda não esteja nos dicionários, está nas conversas, nas palestras, nos livros, nas ações.

Aliás, jogando com a palavra, posso dizer que este livro fala sobre o choque positivo causado pela introdução da diretriz “ética do impacto” na economia, um baque cultural e consciencial decisivo e transformador.

5. MOVIMENTO TRANSFORMADOR MASSIVO

Nos dias atuais, grandes mudanças podem ocorrer em poucas décadas ou até em poucos anos. Ou alguém é capaz de duvidar que a geração de dispositivos inaugurada pelo iPhone, em 2007, e seus milhares de aplicativos, determinou uma nova era, alterando profundamente a forma como as pessoas se comunicam, interagem, se divertem e trabalham? Seria demais falarmos em *Era dos Smartphones*, considerando que hoje cerca de 4 bilhões de pessoas utilizam aparelhos como esses? Pois a Era do Impacto está inserida neste contexto muito grande que alguns chamam de *Era da Aceleração*, na qual mudanças significativas ocorrem em períodos cronológicos muito curtos em comparação com outras eras. Exatamente por isso, o ser humano tem uma sensação de deslocamento, capaz de causar súbito desconforto. Uma sensação psicológica de queda livre para uns e, para outros, de inspiradora ascensão. Ou, ainda, uma sensação de deslocamento acelerado para a frente, como um avião a acionar toda a potência de suas turbinas, uma arremetida capaz de ocasionar uma espécie de vertigem, uma inexplicável aceleração do ar local que se torna planetária. Já sentiu?

#1

Por isso, nossa Era do Impacto implica movimento. Essa locução pode ter várias acepções. Pode significar deslocamento (como dito) ou agitação, animação, ritmo, compasso. Mas também representa a proposição de mudança, alteração, revolução. Contudo, neste livro, minha perspectiva de movimento está mais alinhada com a ideia de *evolução* – social, artística, política, cultural, econômica, tecnológica e consciencial. Por isso, lanço mão da noção de movimento no sentido mais amplo possível, capaz de abranger tanto uma ação evolucionária consciente como um deslocamento modificador inconsciente, porém universal. O fenômeno também pode se mostrar individual ou coletivo, massivo e exponencial, proporcionando que milhões de seres humanos estejam ligados por sutis fios invisíveis representativos de uma nova cultura planetária.

Em nossa Era do Impacto, esse movimento evolutivo é transformador. Como transformador, refiro-me àquilo que promove a alteração de estado de um sistema, que toma nova forma, assume novos paradigmas, adota nova conformação. Algo que inova. Emprego a ideia de transformação no sentido de modificação positiva, de evolução para melhor da nossa condição humana, biopsicossocial, ética, política, econômica, tecnológica, ecológica, consciencial, espiritual etc. Uma evolução sistêmica capaz de criar novos *standards* para nossa vida no planeta Terra, capaz de inovar a partir de nossos velhos paradigmas e de nos promover enquanto espécie.

O movimento transformador pode ser instrumentalizado por um ou vários movimentos culturais, políticos, sociais, econômicos, ecológicos etc. Um exemplo forte – e base de nossas reflexões – é o empreendedorismo social, que atua como movimento transformador consciente ao agregar o elemento ética (a ética do impacto) ao agir econômico. Mas esse movimento abrange tanto as iniciativas que deliberadamente buscam a transformação positiva por meio do empreendedorismo social como aquelas que o fazem inconscientemente.

O movimento dos empreendedores sociais é um exemplo de movimento que transforma o mundo. De fato, os movimentos transformadores podem ser o resultado de ações deliberadas e organizadas, individuais ou coletivas, mas igualmente podem ocorrer como resultado de uma convergência de condições ideais, embora inconscientes. Não é preciso conhecer o MTM ou o empreendedorismo social para fazer parte dele – aliás, a

maioria dos empreendedores sociais, por exemplo, ainda não sabe que são empreendedores sociais.

Também desejo explicar por que o movimento transformador o qual abordo é qualificado como *massivo*. Normalmente, quando expresso a ideia de MTM, estou me referindo ao campo dos deslocamentos inconscientes. Diz respeito a um processo de deslocamento de milhões ou centenas de milhões de indivíduos que fazem parte do movimento transformador, tenham ou não consciência dessa condição. Portanto, é massivo no sentido de incontável, amplo, abrangente, transversal, descentralizado, democratizado. Representa o fato de atingir milhões, centenas de milhões ou até mesmo bilhões de pessoas, contemplando, identificando e propondo, inclusive, a atual exponencialidade do movimento. Logo, ele é massivo, mas não significa massificado, padronizado, standartizado – ao contrário, a diversidade é sua marca. A aceleração no tempo e a exponencialidade no espaço físico estão relacionadas com essa característica de transformação massiva.

Contudo, é importante que empreendedores sociais e outros promotores de transformação se reconheçam como tais e, nessa inspiradora condição, evoluam de agentes inconscientes para atores conscientes do MTM na Era do Impacto.

Meu objeto específico neste livro se direciona aos movimentos transformadores que são positivos em diversas esferas do pensamento, da ação e da condição humana. Embora não esteja ao meu limitado alcance falar de todos, muitos estarão representados aqui, direta ou indiretamente. O MTM, por ser muito amplo, abrange todo o conjunto de condições e ações que promovem universalmente a transformação ética, econômica, cultural, espiritual e tecnológica – individual, coletiva ou exponencial – de nossos indivíduos, de nossas comunidades, de nossas sociedades e de nosso planeta. Mas, preponderantemente, o movimento que estudamos transforma a liberdade, a economia e a inovação, todas de maneira convergente para a construção de um mundo melhor.

6. PROPÓSITO TRANSFORMADOR MASSIVO

Neste ponto, cabe uma explicação – à margem do texto – sobre a origem de minha inspiração para a percepção do Movimento Transformador Massivo. Teóricos contemporâneos de gestão têm identificado que muitas corporações, sobretudo aquelas denominadas “organizações exponenciais” (ExOs – *Exponential Organizations* – conceito criado na Singularity University), costumam adotar em suas estratégias a divulgação daquilo traduzido como Propósito Transformador Massivo (PTM), que são declarações sintéticas utilizadas para expressar a aspiração maior da organização. Segundo explicam os pesquisadores da Singularity University Salim Ismail, Michael Malone e Yuri Van Geest, os PTMs são aspiracionais e alguns “pretendem transformar o planeta, outros apenas um setor produtivo. Mas a transformação radical é o objetivo fundamental”.³⁰

Peter Diamandis, um dos fundadores da Singularity, diz o seguinte: “Forças muito potentes estão surgindo no mundo – tecnologias exponenciais, o inovador DIY (faça você mesmo), *crowdfunding*, *crowdsourcing*, e o *rising bilion* (o bilhão emergente) – que nos darão o poder de resolver muitos dos maiores desafios do mundo e o potencial para atender às necessidades de todos os homens, mulheres e crianças nas próximas duas a três décadas. Essas mesmas forças estão capacitando equipes cada vez menores a fazer o que antes era possível somente por meio de governos e grandes corporações”.³¹

A leitura desses textos chamou minha atenção para o fato de que podemos identificar conceitos transformadores e também movimentos transformadores – relacionados com essa exponencialidade tecnológica da Lei de Moore –, que têm a característica de proporcionar modificações não lineares no modo de pensar e agir das pessoas. Embora haja semelhanças em seus fundamentos – ambos movimentam milhões de pessoas

e se utilizam da tecnologia exponencial –, há importantes diferenças entre os dois conceitos. No caso do PTM, esse propósito transformador é, de certo modo, centralizado, assumido como meta por uma organização exponencial. No caso do MTM, a virtude reside justamente na descentralização, o que torna sua mecânica muito mais eficaz e sua dinâmica muito mais democrática. Movimento é muito mais do que propósito. Além disso, posso afirmar que este é a versão cívica daquele.

7. MUITAS LINGUAGENS QUE DIZEM A MESMA COISA

Pretendo evidenciar também que há muitas linguagens dizendo a mesma coisa, o que indica um fenômeno aberto, de mudança sistêmica. Para isso, tenho a vantagem de não estar atrelado a posições ideológicas inflexíveis, correntes epistemológicas reducionistas ou filosofias impenetráveis, ou mesmo sistemas religiosos totalitários. Acredito que, em boa medida, tenho superado pouco a pouco essas recorrentes formas de privação de liberdade intelectual e moral, procurando abraçar uma visão mais abrangente. Minha experiência de 25 anos em ambientes universitários, em universidades no Brasil e no exterior, dominados por preconceitos e paradigmas autoimpostos, circulares e endogênicos, ensinou-me o quanto o encapsulamento de campos científicos – seja por pura crença ou impura má-fé – pode prejudicar a ciência e a sociedade.

No geral, este trabalho descreve visões de mundo e reúne dados sobre um grande e complexo fenômeno, mas também propõe valores e comportamentos para uma vida melhor consigo mesmo e em sociedade. Sem a pretensão de estabelecer qualquer filosofia moral ou social, este estudo sugere ações a partir de dado conhecimento sobre movimentos que estão

#1

em curso. E propõe – por vezes implicitamente e por outras explicitamente – que uma nova consciência é possível e está acessível, florescendo em inúmeros campos.

Embora o MTM possa ser invisível para muitos de seus próprios agentes, é mais fácil e produtivo modificar interiormente nosso propósito e agir externamente quando conhecemos os fatos e os fenômenos subjacentes a essa ação. Minha intenção é inicialmente descritiva e, em seguida, prescritiva. É também, em certa medida, empírica, logo, valorativa, normativa e propositiva.

Em outras palavras, meu objetivo aqui é evidenciar um fato ou um conjunto de fatos (dados), conquistas individuais, coletivas ou massivas, conscientes ou inconscientes da humanidade. Com base nessas evidências – e no seu complexo entrelaçamento –, pode-se proporcionar determinada linha de ação que seja útil e que permita a cada um de nós, se assim desejar, uma decisão, uma opção, uma escolha consciente de pensamento e ação positiva. Como costuma escrever Martha Nussbaum, quando diferentes correntes de pensamento que adotam métodos distintos chegam a uma mesma conclusão, isso é um sinal de que a conclusão é correta.

8. MOVIMENTO TRANSFORMADOR DA LIBERDADE (MTL)

A liberdade da ignorância já não nos pertence mais, sinto muito. A cosmovisão que proponho começa pelo exame de nossas liberdades, em sua viva complexidade. Descobriremos que a tão desejada liberdade natural não é a liberdade humana. Tampouco a desejada liberdade repousa em um sofá confortável. É todo o contrário. É o campo da responsabilidade não apenas para consigo, para com os seus, mas para com todos. Esse é o tema da Parte 2.



Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar
ou acesse pelo QR Code abaixo.



“O livro que tenho a honra de prefaciar é uma obra-prima. Um retrato sensível e inteligentíssimo de uma nova consciência mundial. Mais que isso, é um manifesto! Um chamado para que todos compreendam como estamos interligados.”

Mara Mourão, empreendedora social, cineasta, diretora do filme *Quem se importa*, ganhador de 6 prêmios internacionais, exibido nas Universidades de Harvard, Columbia, Duke, Brown, entre outras, e em mais de 30 festivais de cinema ao redor do mundo.

“Apesar de todos os desafios que o contexto nos traz, James nos provoca a não nos paralisar. Essa é a nossa melhor era e somos a geração que o mundo esperava. Portanto, sejam bem-vindos à Era do Impacto. Ela já existe e já está acontecendo.”

Marcel Fukayama, empreendedor social, cofundador do Sistema B Brasil e da Din4mo, atual diretor executivo do Sistema B Internacional.

“A leitura de *A Era do Impacto* foi um exercício de compreensão de quem eu sou e dos caminhos que se abrem a partir dessa compreensão. Ao terminar a leitura, senti que daria horas de conversa profunda, daquelas de que nós necessitamos tanto para exercer nossa liderança com senso crítico de questionar tudo para fazer as escolhas de maneira autêntica.”

Carol Busatto, empreendedora social, cocriadora do workshop *Dona de Mim*, cofundadora do *inside.lab* e da rede *net4Impact.net*.

“Que coisa intensa esse livro. E que coragem! A convicção contida na obra permitiu organizar os autores (tantos!) em um arranjo original e surpreendente. E, assim, eles potencializam a ideia central de maneira a torná-la consistente e empolgante. Um ensaio que, não tenho dúvida, será um marco no debate sobre o futuro próximo de todos nós. Embarquei no vórtice da Era do Impacto. E foi sensacional.”

Daniel Medeiros, PhD, especializado em Educação Histórica e professor de História.



Apoio:

